

## **AS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE E MIGUEL ARROYO PARA UMA LEITURA DA EDUCAÇÃO NO/DO CAMPO EM GOIÁS NA CONTEMPORANEIDADE.**

Joyce de Almeida Borges<sup>1</sup>  
Edson Batista da Silva<sup>2</sup>

### **Resumo**

O Objetivo desta reflexão é destacar como os pressupostos políticos e pedagógicos de Paulo Freire e Miguel Arroyo são cada vez mais atuais e necessários no contexto educacional de Goiás no campo e na cidade. A perspectiva metodológica construída neste trabalho parte das leituras de obras relacionadas aos autores mencionados, além da observação e acompanhamento de projetos de extensão junto às escolas do campo em Goiás e debates e reflexões realizadas junto às disciplinas do Programa de Pós Graduação em Educação na Faculdade de Educação em Goiânia. Na contemporaneidade, sob a égide de uma educação mercantilizada, sob os projetos em defesa de “Escola Sem Partido” entendemos como cada vez mais é necessário o legado de Freire e de Miguel Arroyo, com suas concepções políticas e pedagógicas de uma educação menos “bancária” e mais problematizadora.

**Palavras-chave:** Educação do/no campo, Goiás, Pressupostos teórico-pedagógicos de Paulo Freire e Miguel Arroyo.

### **Introdução**

*“A escola não deve converter-se em uma incubadora de pequenos monstros avidamente instruídos. A cultura é um privilégio. A escola é um privilégio. E não queremos que seja assim. Todos os jovens deveriam ser iguais perante a cultura.” (Antônio Gramsci)*

Em nossas graduações e em nossas áreas do conhecimento, temos lido poucas obras de Paulo Reglus Neves Freire. Nascido em 19/09/1921, no Pernambuco, em Recife, mais conhecido como, Paulo Freire. Na maioria das nossas “grades” curriculares de formatos que partem da colonização dos saberes a partir da ideia de ciência européia, os autores de maior referencial, são os de renomes internacionais. Já os autores latinoamericanos e das áreas educacionais geralmente são colocados em segundo plano, como estudiosos de menor valor acadêmico. Em um país, como o Brasil, em que a educação é tratada com descaso, os pesquisadores da educação e as pesquisas em educação também são desvalorizados, por

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Estadual de Goiás-Campus Itapuranga. joycealbo@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professor da Universidade Estadual de Goiás- Campus Itapuranga. edsonejoyce@yahoo.com.br

pouco investimentos, essa realidade conseqüentemente reflete em certo descrédito científico e em pesquisas de resultados apressados pelas dificuldades dos laboratórios de pesquisas dos cursos de licenciatura que são precarizados em suas estruturas físicas e operacionais.

Deste modo, mesmo estudando em cursos de Licenciaturas, seja estes de concepção mais técnica ou mais crítica, apenas passamos os olhos em poucos livros freirianos, geralmente nos recordamos apenas do intitulado “*Pedagogia da Autonomia*” e desconhecemos as suas outras tantas obras do pensamento freiriano, como o “*Medo e a ousadia*”, “*Pedagogia da Indignação*”, “*Pedagogia do oprimido*”, “*A importância do ato de ler*”, “*A sombra desta mangueira*”, “*Educação com prática de liberdade*”, “*Educação e atualidade brasileira*” etc.

Neste contexto, na contemporaneidade, sob a égide de uma educação mercantilizada, sob os *slongans* que defendem uma “escola sem partido” entendemos como cada vez mais é atual e necessário o legado de Paulo Freire e Miguel Arroyo em suas concepções políticas e pedagógicas para uma educação menos “bancária” e mais problematizadora. Em consonância com tal perspectiva, Miguel Arroyo, muito influenciado por Paulo Freire, traz elementos importantes para pensar a educação hoje, como a visão que a sociedade tem sobre o educador, a humanização e desumanização da educação, a desmistificação da sociedade tecnocrática bem como, o avanço na profissionalização docente, o aprender com as transgressões, o partir da criatividade, do novo, da ousadia, entre outros elementos.

As obras de Arroyo têm sido de grande preciosidade para os estudos de educação popular no Brasil e na América Latina na contemporaneidade, bem como estudos relacionados à Educação do campo, de escolas quilombolas, indígenas e de jovens e adultos. Os movimentos sociais e suas pedagogias têm buscado novas práticas pedagógicas que se fortalecem por meio das escolas públicas populares, como aa exemplo das escolas famílias agrícolas, as escolas do campo com perspectivas de valorização do trabalho, das músicas, das místicas, das culturas, das identidades e dos modos de viver e produzir no campo.

Neste sentido, este artigo divide se em três partes. A primeira apontará alguns elementos que problematizam a educação dem um modo geral em Goiás. Traz um pouco da realidade das escolas do campo também por meio de resultados de pesquisas elaboradas a partir de projetos de extensão realizados em escolas no campo de 2011 a 2016 nos municípios de Minaçu, Cidade de Goiás e Itapuranga. A segunda parte busca elencar os princípios

políticos pedagógicos do pensamento e práxis de Paulo Freire. E a terceira parte evidencia as contribuições de Miguel Arroyo as discussões de educação do campo no Brasil hoje.

### **A educação em Goiás: problematizações e realidade atual no campo e na cidade.**

*“Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino”. (Paulo Freire)*

Em 2015, mais de 200 escolas foram ocupadas por estudantes secundaristas, contra a PEC 241/55, em 22 estados brasileiros. O país viveu uma tensão, que coadunava espaços de formação e conflitos, os quais a juventude protagonizou a luta contra a mercantilização da educação, a privatização e o desmonte da educação pública. Os estudantes, a partir da tática de ocupação dos prédios protestaram contra a PEC 241/55, que pretende cortar o investimento em educação e demais setores sociais públicos, além de em Goiás o movimento estudantil lutar contra o Governo Estadual que sugere a implantação das “Organizações Sociais” na educação, contra a Reforma do Ensino Médio e contra a Escola Sem Partido, e outras questões ligadas a insatisfação do universo educacional público. (CASTILHO, 2016)

No Estado de Goiás, as políticas educacionais na contemporaneidade têm sido pensadas e executadas a partir de pressupostos altamente neoliberais por meio das tentativas de implantar as O’s (Organizações Sociais) na saúde e na educação. (MORAES, 2016) Em Goiás, sob as diretrizes das matrizes pedagógicas de escolas norte americanas, o Governo Estadual implementou-se o “Pacto pela Educação” em 2011, com foco na gestão de resultados, no IDEB, na meritocracia, com o famigerado bônus a professores com recursos ligados a premiação e punição. Além disso, presenciamos a implantação de O’s na educação em 23 escolas estaduais goianas, transferindo recursos estatais para o setor privado. (ARRAIS, 2016) Sendo assim, em contrapartida, o que Paulo Freire e Miguel Arroyo têm a contribuir com a educação atual?

Diante de propagandas midiáticas que deformam os sujeitos por meios de discursos atuais, como a propaganda do Agronegócio que afirma como o “*Agro é pop, agro é tec, agro é tudo*”, passamos a refletir sobre a importância de um dos conceitos de Paulo Freire, o conceito de sujeito inacabado. Pois é por meio dele que passamos a entender a educação como responsabilidade social e política, passamos a vislumbrar novas relações entre opressor e oprimido, entre alienados e sujeitos emancipados, e passamos a interpretar historicamente categorias como a acomodação, a passividade, o ajustamento, o ser ativo, a mobilidade, e

passamos a pensar na ideia e na ação de sujeitos coletivos. Recolocamos-nos diante do mundo e nos concebemos como sujeitos e não como meros objetos.

E a partir da realidade da educação do campo em Goiás, de arremedos das escolas urbanas, com projetos de escolas integrais sem viabilidade física e sem projetos políticos claros, além do sucateamento das escolas famílias agrícolas, bem com a falta de materiais pedagógicos específicos, a inexistência de calendários próprios, e pouca formação continuada a professores do campo, podemos observar como cada vez mais urge a necessidade de valorizar a práxis teórica e pedagógica de estudiosos como Paulo Freire e Miguel Arroyo, como base de sustentação a um novo projeto de educação para o campo em Goiás.

### **Paulo Freire: os ofícios do mestre.**

Os textos e obras de Paulo Freire trazem em seu bojo, palavras mundo como: Realidade, Universo Vocabular, Opressor/ Oprimido, Tema Gerador, História, Utopia, Sujeito/ Objeto, Inacabamento, Autonomia, Exclusão Social, Conscientização, Esperança, Texto/Contexto, Leitura do mundo e da palavra, Liberdade, Criatividade, entre outras. Entre outras contribuições de Freire, destacamos alguns conceitos chaves para refletirmos também relacionarmos com o contexto político vivido pelo Brasil durante o Golpe político de 2016, na contemporaneidade, como as ideias de sociedades fechadas e sociedades em transição, o sectarismo, como não respeito à ideia do outro, o otimismo ingênuo e o otimismo crítico, o silêncio do povo, o assistencialismo, o dialogo que é diferente da polêmica, o gosto pelo mandonismo, o reacionarismo, etc. Apesar de ter recebido 29 títulos de Douto *Honoris Causa*, Freire considerava mais importante o que aprendia com a vida. Para Brandão (2002) o legado de Paulo Freire foi de uma dimensão tamanha desde a política, a cultura ao ofício de educador, o que dificilmente outro teórico alcançará.

O primeiro livro escrito por Paulo Freire foi publicado em 1967, durante seu exílio no Chile, o “*Educação como prática de liberdade*”, em que esclarece como nossa sociedade brasileira é pouco experiente no que diz respeito aos aspectos da comunicação, do dialogo e da reflexão. Isso nos auxilia entender os “discursos de ódios” produzidos cotidianamente, pois somos frutos de uma “sociedade fechada e de inexperiência democrática”. Nosso passado colonizador não nos possibilitou crescer, falar, avançar. A formação territorial e sociopolítica do Brasil se delineou, sobretudo, historicamente com as políticas assistencialistas massificadas. Romper com esta lógica colonizante, para uma sociedade mais aberta que

estabeleça o dialogo profícuo, a construção de trabalhos coletivos, ir para além dos votos de cabrestos, é uma paciência histórica, é reeducarmos-nos.

A partir da obra “*Educação como prática de liberdade*” entendemos que a educação precisa ser instrumental no aspecto políticos, por meio de métodos e técnicas que cosntruam análises emancipatórias e dêem suporte para novas práxis de experiências que venham do povo e dos trabalhadores (as). Nesta obra o autor tece críticas severas ao assistencialismo e deixa claro, a necessidade da participação popular, e a superação do estado de ignorância.

Freire (2014) em seus princípios políticos e pedagógicos evidencia a preocupação com o papel da educação em instrumentalizar os sujeitos para que estes possam refletir sobre a sua própria condição de sujeito massificado e explorado. Para isso se ampara principalmente no conceito de “sujeito inacabado”, que pode buscar mudanças, ser a mudança, não se acomodar, libertar-se, conscientizar-se na relação com o outro e com o meio. A conscientização se inicia pelo processo de alfabetização. E o diálogo se torna peça fundamental para a construção de novos sujeitos históricos e de novas consciências, como percebemos na obra “*Educação e mudança*”.

Foi no MCP (Movimento de Cultura Popular) que Paulo Freire inicia a alfabetização de adultos em Recife e posteriormente expande para Angicos no Rio Grande do Norte. Do Rio Grande do Norte esta concepção pedagógica conquista diferentes espaços no Brasil, principalmente em regiões empobrecidas, como o Nordeste, Norte e Centro Oeste. Entre os principais objetivos do MCP Cunha (1999) *apud* Risso (2007, p. 02) destaca:

(...) a) promover e incentivar, com a ajuda de particulares e do poder público, a educação de crianças e adultos. b) atender ao objetivo fundamental da educação que é o de desenvolver plenamente todas as virtualidades do ser humano, através da educação integral de base comunitária, que a assegure, também, de acordo com a constituição, o ensino religioso facultativo; c) proporcionar a elevação do nível cultural do povo, preparando-o para a vida e para o trabalho; d) colaborar para a melhoria do nível material do povo, através da educação especializada; e) formar quadros destinados a interpretar, sistematizar e transmitir os múltiplos aspectos da cultura popular.

È importante ressaltar que as ideias de Paulo Freire receberam influencias tanto do Existencialismo de Jean Paul Sartre (1905-1980), como das críticas ao capitalismo de Karl Marx<sup>3</sup> (1818-1883). Os pressupostos freireanos também se amparavam de teóricos do

<sup>3</sup> As categorias do Materialismo Histórico Dialético estão presentes nas análises teóricas e nos princípios políticos e pedagógicos de Paulo Freire. Por exemplo, a alienação, as formas de opressão e violência vividas pelo povo, à exploração no trabalho, às desigualdades entre classes sociais, etc. (TORRES, 2014)

pensamento moderno clássico como Antônio Gramsci (1891-1937) e da teoria pedagógica progressista da Escola Nova, de John Dewey (1859-1952) que considera a cooperação, a mudança social, a relação como o meio, o protagonismo dos educandos, enfim. E como contribuição nesta formação pedagógica, ressaltamos a Escola de Frankfurt, com Theodor Adorno (1903-1969), Max Horkheimer (1895-1973) e Herbert Marcuse (1898-1979). Além disso, as concepções cristãs provenientes da Corrente filosófica francesa do Personalismo<sup>4</sup> de Emmanuel Mounier (“Evangelho dos pobres”), Lebreton, Jacques Maritain, Teilhard Chardin também foram base para o pensamento freiriano. Sobretudo, os ideais políticos de Paulo Freire iam ao encontro também, com os princípios da Juventude Universitária Católica (JUC), que trazia em seu cerne o comprometimento com o engajamento social e a realidade dos sujeitos, como considera Rodrigues (2008).

Assim, é durante os anos sessenta, que efervescem as músicas de protesto, o teatro, a arte, as ideias da classe média intelectualizada mescla-se às ideias populares, ebule os movimentos sociais, a migração campo-cidade se intensifica, a popularização das ideologias norte americanas por meio do cinema, da televisão, etc. Sabemos que neste período as ideologias nacionalistas e desenvolvimentistas fortalecem a fetichização em torno do modelo capitalista de produção baseado na industrialização, na cultura norte-americana, no consumo, e também, na produção de bens materiais a serviço da classe dominante. Era o que chamamos de pseudo ideia desenvolvimentista econômica, posteriormente, reforçada no Governo de Juscelino Kubistcheck que visava reafirmar uma estrutura social de dominação. (FREIRE, 2003)

Em contrapartida a esta conjuntura Freire (2014) desenvolve uma práxis que possibilite a formação crítica da classe trabalhadora e não apenas como massa de manobra. Freire questiona fortemente a ideia de menosprezar a cultura latinoamericana em detrimento da valorização dos ideais culturais norte americanos e europeus. Para isso fortalece a ideia de mudança, que implica no reconhecimento do sujeito em sua historia a qual ele a transforma e não se adapta fatalisticamente a uma realidade desumanizante. A crítica de Freire era sobretudo, também propagada sob algumas influências do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros). E estas críticas somavam-se aos ideais sindicalistas, esquerdistas, comunistas que iam se delineando em forças coletivas por todo o Brasil.

---

<sup>4</sup> O Personalismo foi criado por Charles Renouvier e diz respeito a “toda doutrina que atribui às pessoas um lugar importante na realidade”. (FREIRE, 2003)

Entretanto, o Método de Paulo Freire fez parte de uma educação problematizadora. Os conteúdos parte do universo vocabular e vivido. Diferentes movimentos de educação popular adotam o método de Paulo Freire principalmente no período entre 1962 e 1964. E após a abertura política nos anos de 1980. (BEISEGEL, 2010) Metodologicamente os temas geradores, enquanto forma de organização do currículo, são palavras ou assuntos que surgem da dos problemas advindos da realidade, da escuta do universo vocabular, da pesquisa junto às comunidades, de sua realidade, seus problemas. As sílabas para a alfabetização poderiam surgir no momento da aula a partir de nomes de alunos os quais iam criando outras palavras a partir daquelas apreendidas. Por exemplo:

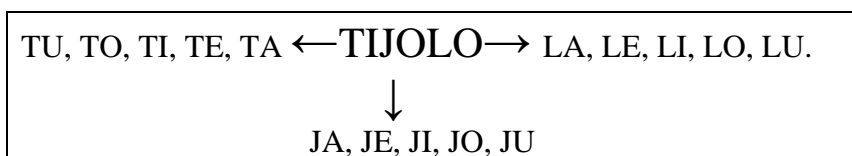
**Fig. 01. Método Paulo Freire**

Um nome próprio ensina outras sílabas
<b>BENEDITO</b>
BANADATA
BENEDETE
BINIDITI
BONODOTO
BUNUDUTU
Outras palavras NADA, BANANA, BATATA

**Organização:** BORGES, Joyce de A. (2016)

A seleção de palavras geradoras parte de critérios como o entrosamento com a realidade social, as dificuldades fonéticas, as situações vividas. Aprendia-se para atuar no contexto experienciado. As palavras geradoras do Método Paulo Freire utilizados nos projetos de Alfabetização, também era cultura, pois partiam do cotidiano dos educandos. Porque após descobrir as palavras geradoras a próxima etapa para os sujeitos seria intervir nas atividades comunitárias, associações. Diante do resultado positivo deste método de alfabetização, o governo brasileiro previa ampliá-lo para o Plano Nacional de Alfabetização (PNA). Outro exemplo para entendermos este processo de alfabetização tão necessário:

**Figura 02: Método Paulo Freire de Alfabetização.**



**Organização:** BORGES, Joyce de Almeida. (2016)

No processo de alfabetização fazia-se a problematização da realidade. A educação e a educação popular em Paulo Freire Implica também nos conceitos de humanização, liberdade, autonomia, reflexão e conscientização. E não era qualquer palavra escolhida, mas a que tinha riqueza fonêmica/fonética, de significação, conscientização e politização. (FREIRE, 1996) É uma abordagem alfabetizadora que parte do contexto político e social da América Latina, debate a dependência neocolonial, analisa as formas de dominação contemporâneas e o processo de acumulação capitalista.

E foi devido a tais concepções políticas e pedagógicas que Paulo foi preso e ficou sob esta condição durante 75 dias os quais ele classificou como algo não demorado e dramático, mas apenas “suficiente para aprender algumas coisas”. (BARRETO, 1998) Durante a prisão, Paulo não alfabetizou, embora houvesse o desejo e a necessidade, não alfabetizou na prisão para evitar mais processos e perseguições. Posteriormente, foram 16 anos de Exílio. Anos que resultaram em experiências de educação na Nicarágua, alfabetização sandinista, no Chile, na Bolívia, no México e nos EUA. Além de assessorias em trabalhos de movimentos de educação popular na Tanzânia e até na Guiné Bissau. Para Paulo Freire foi extremamente pedagógico o período de exílio.

O modelo de educação freiriano prima pela junção entre teoria e prática, ou pela construção da práxis política. As práticas pedagógicas e políticas de Paulo Freire ligadas à educação e à educação popular foram e são instrumentos de conscientização com populações do campo e da cidade. E esta conscientização necessariamente exige uma transposição da consciência ingênua (conclusões apressadas, superficiais, aceita o passado como melhor) para a consciência crítica. (análise profunda, realidade mutável, indaga, questiona, dialoga). (FREIRE, 2014)

Sair da condição de consciência ingênua, nunca foi e cada dia mais, não se torna fácil. O sistema capitalista, as ideologias, as formas de alienação, o poder do estado pensado sob a égide da classe dominante tenta de todas as formas cooptarem as organizações populares, suas formas de expressões e principalmente suas organizações educacionais que conduzam a um



pensamento crítico. É bem mais cômodo ficar em uma zona de estabilidade sem motivações, sem interesses coletivos, com dificuldades de discernimento, buscar explicações teológicas para conflitos sociais e políticos, se ausentar da participação política e conscientemente não se engajar. A consciência ingênua é acomodada, mas não é a que liberta.

Diante destes fatores, o elemento central é a **conscientização**, sendo o elemento maior da educação popular necessita coadunar com as práticas pedagógicas das escolas do campo. Essa conscientização emerge dos moldes freireanos ainda de fazer a leitura de mundo, da palavra, da ideia de sujeito inacabado, vem de **raízes do processo de humanização, consciência da opressão, consciência do oprimido, consciência do mundo e do outro**, é uma construção da “**cabeça de luta**”, como afirma as lideranças políticas hoje nos embates atuais. E é o próprio sujeito que constrói sua “cabeça de luta”, se põe frente ao mundo, aos outros e se afirma como **sujeito de mudança**. (FREIRE, 2014)

Assim, a educação é mediadora desta conscientização. Mas é o sujeito que se emancipa. É ele com sua prática no trabalho, no campo, na cidade que começa a conscientizar-se da exploração vivida cotidianamente, dos desgastes físicos excessivos, etc. Presenciamos em diferentes espaços de educação as concepções freireanas moldando ideias, ações políticas, debates, em propostas pedagógicas de escolas alternativas, entre as escolas do campo com a Pedagogia da Alternância, os escritos freireanos ainda são base de documentos pedagógicos recentes em escolas, em sindicatos, em relatórios, em projetos políticos de cursos de formação dos mais diversos e em livros de editoras populares. O que nos permite afirmar que há uma gramática do pensamento freireano no Brasil e em todo o mundo que se espacializa nos conceitos e práxis de alfabetização, nas problematizações cotidianas e nos modos de ensinar com os trabalhadores. (BRANDÃO, 2001)

Paulo retorna ao Brasil em Junho de 1980. (BEISEGEL, 2010). Em 1980, filia-se ao PT. (Partido dos Trabalhadores). Durante o período de abertura política, a partir da década de 1980, com a ascensão dos Movimentos Sociais do campo no Brasil, com 80% da população latino americana vivendo em situações de miséria, que repolitiza-se a ideia da Pedagogia do Oprimido. E a educação popular se ressignifica, sobretudo, à luz dos gritos de luta e marchas dos movimentos sociais, as vozes das populações pobres revelam os aspectos negligenciados ligados principalmente à moradia, à terra, à cultura, e à saúde etc.

Portanto, na tentativa de elucidar as interfaces e ramificações dos pressupostos políticos e pedagógicos de Paulo Freire notamos que os escritos de Freire ainda ganham

notoriedade em toda a América Latina e principalmente em discussões em torno da educação e movimentos sociais. Exemplo disso, o pensamento freiriano contribui com as mudanças das políticas públicas hoje conquistadas na educação do campo<sup>5</sup> que vêm, sobretudo, do esforço dos movimentos sociais de luta pela terra, no Brasil em toda a América Latina e que foram calcados principalmente nas reflexões de Paulo Freire. A proposta da educação do campo enxerga a dimensão educativa do agir político como o carro chefe da construção de novos ideais e de propostas reais que repensassem a educação destinada às populações do campo.

Nesta perspectiva, várias conquistas dos movimentos populares do campo foram alcançadas como: cursos de Formação em Educação do campo e Pedagogia da Terra, desenvolvidos pelo PRONERA (Programa Nacional de Educação em áreas de Reforma Agrária) Cursos de pós-graduações, formações técnicas em Agroecologia, recursos para projetos em parcerias com as Escolas Famílias Agrícolas com as políticas do Projovem campo<sup>6</sup>, Saberes da Terra, PRONACAMPO etc. Como um dos resultados deste processo, mais de 30 mil jovens e adultos assentados que foram beneficiados pelo Pronera, e ainda a formação de mais de 3 mil educadores, em convênios com mais de 50 universidades públicas e privadas. (VENDRAMINI, 2010)

Observamos ainda como as ideias freirianas amparam professores e estudantes, e diferentes sujeitos envolvidos em educação nos mais distintos eventos de educação<sup>7</sup>, seja em referenciais teóricos, seja na luta da Educação de Jovens e Adultos, ou como apoio à própria educação pública de um modo geral, uma vez que ele a defendeu e lutou cotidianamente por ela. Na práxis, em greves e lutas de trabalhadores da educação Paulo Freire sempre é uma grande referência, é lembrado em discursos de mobilização e inspira as lideranças.

---

<sup>5</sup> O Movimento de Educação do Campo surge a partir dos anseios dos movimentos populares do campo que buscam uma educação que levem em consideração as especificidades dos povos do campo e foi uma iniciativa que foi se concretizando desde 1997 com a Primeira Conferência Nacional “Por uma Educação do Campo” realizada em Luziânia e em 1998 com ENERA, o primeiro “Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária” promovido pelo MST, UNB, Unesco, Unicef e CNBB. É um luta pela democratização e por melhorias a educação das populações que moram no campo e uma luta por cursos universitários voltados para a população do campo, o que Arroyo (2014) denomina de “ocupação dos latifúndios do saber”.

<sup>6</sup> Programa Nacional de Educação de Jovens Integrada. Foram programas aplicados após a criação da SECAD (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade) implantada em 2005.

<sup>7</sup> O Conselho Latino Americano de Educação de Adultos (CEAAL) para Brandão, tem sido o mais importante porta voz da educação popular freiriana. E para Feldmann (2015) ele representa uma refundamentação da educação popular.

Neste sentido, notamos que existem diferentes saberes pelo mundo. E destes, os formais são supervalorizados em detrimento dos saberes da vida, do cotidiano, do trabalho, da família e da luta popular. Deste modo, entendemos que Paulo Freire é um intelectual é um educador que redefine a valorização do saber popular, visto que ele desnaturaliza as formas canonizadas de saber, propõe a ideia de sujeito inacabado, provoca e questiona os saberes institucionalizados.

### **Miguel Arroyo: as resistências políticas e epistemológicas, a diversidade cultural e a humanização dos saberes e dos sujeitos.**

*“Sem paixão e indignação não aprenderemos a ser educadores de uma infância e adolescência desumanizada”. (Miguel Arroyo)*

Miguel Gonzáles Arroyo é um educador espanhol, sociólogo, foi professor na UFMG, e é uma das grandes referências no mundo da educação por tratar de questões ligadas ao currículo, a educação do campo, a docência, a diversidade cultural dos saberes e propõe “para outros sujeitos é necessários outras pedagogias”, ou seja, as especificidades político culturais de territórios latino americanos exigem várias propostas pedagógicas e um profícuo dialogos de saberes de forma séria. Atualmente este professor tem acompanhado experiências em escolas, como a experiência da Escola Plural que interveio no fracasso escolar em 200 escolas municipais na Periferia de Belo Horizonte, desde 1993. (ARROYO, 2013)

A partir dos pressupostos pedagógicos e políticos de Miguel Arroyo (2014), na obra “*Outros sujeitos, outras pedagogias*”, o autor deixa claro que os coletivos populares de cada região e município é que direciona as pedagogias a serem construídas nos espaços escolares. Assim, inicialmente é preciso saber: **quem são os alunos do campo?** Em cada escola quem são estes sujeitos? Do que as famílias vivem, do que trabalham, como vivem, quais as suas perspectivas e visões de mundo? São sujeitos portadores de consciência política? Ou estão desconectados das lutas sociais e políticas? São estes sujeitos que irão pressionar e dizer que tipo de pedagogia a ser praticada.

Nesta mesma obra, o autor ainda chama a atenção para o **ocultamento em relação ao campo** historicamente construído no Brasil. Um ocultamento acerca de suas histórias, suas identidades, a exploração do trabalho, a expropriação, a desvalorização de seus saberes e práticas culturais. Deste modo, desocultar o espaço do campo por meio de pesquisas ligadas a educação, a categoria trabalho, a terra, aos modos de vida se faz

necessário como forma de reafirmar aquilo que os movimentos sociais do campo já têm feito nos últimos anos. E a escola precisa se atentar a este contexto político presente em cada realidade.

Após o desocultamento em relação ao campo, ocorre uma desconstrução da imagem em que foram pensados, como sujeitos inferiores e passam a repensar outros caminhos. É por meio das leituras, do despertar do senso crítico, da desvelar da condição posta como sub-humanos, da reconstrução da autoestima, do ser capaz, do ser mais, como afirma também Paulo Freire. É nestes moldes que se gestam novas pedagogias, novas relações entre sujeitos, novas relações de poder e novas práticas educativas e políticas. E assim se delineia o que Arroyo (2014) denomina de “Pedagogias do Sul”. Nessas Pedagogias do Sul consideramos algumas palavras-chave a partir da leitura e análise das obras de Arroyo fundamentais para construção de projetos de educação do campo selecionadas na Figura 03:

**Figura 03: Palavras-chave como pressupostos para as Pedagogias do Sul com base nas obras de Miguel Arroyo.**

Imagens/ Desconstrução de epistemologias/ Pedagogia das resistências/ Registros/Culturas
Trabalho/ Interação/ Interdisciplinaridade/ Historias/ Memorias/ Vivências/ Dialogo
Significados/ Trocas/ Símbolos/ Sentidos/ Práticas inovadoras e transgressoras/ radicalidade
Conflito/ Coletividade/ Diferentes estratégias.

**Organização:** BORGES, Joyce de Almeida. (2017).

Esse esquema não se trata de palavras mágicas para solucionar as tramas da educação no e na cidade. Mas parte de pressupostos mais humanizadores de educação, que busque levar sujeitos ao pensamento crítico, à emancipação e o desvelar de visões de mundo mais problematizadora, mais próxima de seu universo de origem e mais coerente com sua realidade vivida. Contudo, sabemos de como a educação brasileira é complexa e exige muito mais do que este quadro para que as coisas funcionem como necessitam de fato.

Ainda na obra, “*Outros sujeitos e outras pedagogias*”, percebemos um cruzamento entre conceitos de Paulo Freire e Arroyo, o que o primeiro chama de Pedagogia do oprimido e do opressor, Arroyo chama de **Pedagogia da dominação e da subalternização**. Observamos que no espaço educacional há os discursos que reproduzem ora uma dessas pedagogias, ora outra, os códigos, os símbolos, os índices, as classificações, as relações de poder, as vivências

e os projetos executados em cada escola, traz uma perspectiva que pode remeter ora a pedagogia dos dominados, ora a dos dominantes.

È por meio das matrizes pedagógicas da luta, da mística, do trabalho e da vivência que se constrói a educação. A partir de um projeto coletivo e popular de sociedade. A educação e seus atores precisam identificar as contradições, compreendê-las e buscar superá-las. A terra e o trabalho como processos formadores de emancipação e resistência, reconhecer os sujeitos para a construção de uma nova práxis pedagógica. Torna-se fundamental discutir as relações de trabalho e de explorações presentes no campo e na cidade e a violência do capital sob os sujeitos, como explica Arroyo (2012) no artigo “*Trabalho e educação: diversidade e lutas sociais no campo*”.

E mais do que isso, para Arroyo (2014) não basta apenas dizer que o trabalho, os movimentos sociais e as vivências com a terra e no campo educam. Todas estas coisas somadas humanizam os sujeitos, ressignificam e produzem vida e novos sujeitos. O Autor indaga neste sentido o espaço destes processos formativos nos currículos educacionais, como discute em sua outra obra intitulada “*Currículo, território em disputa*”. Nesta obra, Arroyo (2013) esclarece como os currículos tradicionais apresentam a historia ausente dos camponeses, de forma proposital a favor obviamente de quem concentra o poder. Contudo, o currículo torna-se espaço de disputa de classe social, espaço em disputa para reconhecimento e legitimação de grupos sociais. Para Arroyo os currículos escolares necessitam valorizar a cultura dos sujeitos, pois ela é um modo de produzir e viver.

Nestas análises de Arroyo, nos impressiona como autor é capaz de aproximar e associar os elementos das **resistências políticas as resistências epistemológicas**. E mostra como cada uma destas vertentes está entrelaçada a outra, ou seja, não se é possível pensar na resistência de grupos subalternizados sem uma epistemi da resistência, sem conceitos, sem ciência, sem formação, sem um jeito de produzir pedagogias que possam refletir na resistência social, política e cultural dos povos do campo.

Neste ponto de partido, em que se enfoca as pedagogias das resistências, Arroyo (2014, p. 38) mostra como os movimentos sociais do campo vão contestando “o pensamento em que foram inferiorizados”. E neste processo de contestação, passam a produzir as suas próprias pedagogias. A Pedagogia dos Sem Terra, da Terra, do Direito Agrário, das Licenciaturas de Educação do campo, a Pedagogia dos assentamentos, dos acampamentos,

das marchas coletivas. E nessas ações em construção vão se repolitizando e politizando os sujeitos que passam por estes processos formativos.

Por outro lado, Arroyo (2014) se coloca contra as falsas promessas de inclusão que são reforçadas por meio de discursos pedagógicos. E diz que essas políticas de inclusão são criadas para se prometer a inclusão dos excluídos, mas que na realidade esta inclusão ainda está longinqua diante dos parâmetros educacionais propostos no Brasil. E classifica de inclusão subalterna o máximo que o Estado consegue produzir. As desigualdades entre grupos sociais precisam ser sanadas na raiz das questões e não apenas por meio de falsos discursos. Nesta relação inclusão/exclusão os coletivos sociais contestam o sistema capitalista, e não pedem para ser incluídos porque têm a consciência que na estrutura posta não poderão assim ser.

Já em outros aspectos ligados a escola, os saberes e as mídias, Arroyo (2013) na obra *“Ofício de mestre. Imagens e autoimagens”* mostra como a crença em uma sociedade da técnica, do progresso, do capital, do trabalho e da ciência foi desumanizando, a escola, a docência e a relação entre professor e aluno. A imagem da mídia e dos governantes criou a falsa ideia de que o professor “bom” é o professor amoroso e o professor “mal” é o grevista, o “baderneiro”. Como se o professor competente, não pudesse ao mesmo tempo ser afetuoso, ou como se o professor que demonstra amor aos alunos, não fosse competente, dualidades sem sentidos. Ou melhor, com um sentido, o de desconstrução do professor politizado como também bom professor.

Nesta mesma obra ainda, este autor nos chama a atenção para o fato de que não há como fugir, nossa docência será sempre uma “humana docência”, assim, como o cotidiano escolar será sempre permeados de emoções, subjetividades, festas, historias, culturas, identidades, não pode ser espaço apenas de produção científica, outras formas de saber também são produzidas.

O saber e o ensinar deve se ater a capacidade de escuta, renovada, atenta, em sintonia com a vida e com o ser humano. É no processo de convívio com o outro que nos humanizamos, que aprendemos cada dia mais, esse é o processo de humanização que estamos cada vez mais carentes. Pois estamos crescendo rodeados de técnica, conversamos com nossos amigos mais por computador e celular, e estamos deixando de estabelecer relações pessoais, de conflito, de dialogo, de construção coletiva. Questionamos o desinteresse dos alunos, mas não questionamos a desumanização da escola, das nossas aulas, a disputa por

currículos, os conteúdos prévios, fechados, as relações burocratizadas, os alunos em chamadas nomeados por números, não questionamos as inúmeras possibilidades de abrir conteúdos, ousar, lançar o novo, produzir algo além do arroz com o feijão de cada dia...

Ainda nesta obra em que fazemos menção, Arroyo (2013) se posiciona contra os legalismos predominantes das escolas atuais, incentiva a “transgressão” por parte dos professores e de preferência de forma coletiva. Essas ações para o autor traz vida a escola, exige novas formas de criar e recriar os territórios escolares e novos “gestos de liberdade”. Defende a perspectiva de que a escola deve valorizar as diferentes formas do uso da mente, da criatividade, do pensamento, da autodescoberta.

Arroyo (2013) nos desperta para a superação da tradição conteudista e nos indaga: O acesso a conhecimento possibilita o quê? Sacralizamos a ciência e desprestigiamos os saberes populares? Desmistificamos a sociedade tecnocrática ou a reforçamos em nossos discursos de ameaças aos alunos a partir da reprovação? Os avanços nos debates científicos e acadêmicos estabelecidos em congressos da educação, seminários, têm contribuído em que medida para o professor da educação “básica”? Para Arroyo faz-se necessário criar formas de fortalecer os professores em suas práticas, em seu trabalho e na valorização de seus saberes. Essas questões dariam novas reflexões e novos escritos. Mas optamos por parar por aqui, deixar essas reflexões para outros momentos, porque Paulo Freire e Miguel Arroyo nos incita a pensar sempre a docência, o espaço escolar, o ensino na cidade e no campo, os currículos, as metodologias e nos inspira a partir das novas dúvidas que vão surgindo nas nossas empreitadas diárias do mundo da educação.

## **Considerações finais**

*“A luta pela vida educa por ser o direito mais radical da condição humana”. (Miguel Arroyo)*

Com Paulo Freire e Miguel Arroyo trazemos como pressupostos políticos e pedagógicos a capacidade do ser humano de refletir e atuar, um ser que se constitui de práxis, “sujeito de sua própria educação”. Com obras como a “*Pedagogia do Oprimido*”, traduzida em mais de 17 línguas, aprendemos como a relação entre oprimido e opressor pode se reconfigurar a partir da redefinição de visões de mundo e de novas percepções em torno do mundo do trabalho, da política, da cultura e do cotidiano. Observamos que a conscientização

perpassa pelo diálogo, pela formação e pela descoberta. Estas perspectivas formativas têm adentrado de fato nas escolas do campo em Goiás hoje?

Arroyo (2013) contribui afirmando que os diferentes aprendizados se dão em meio a essas lutas sociais. A dimensão atual destes saberes sociais proporcionados pelo conhecimento construído no coletivo, no dia a dia se dá entre os movimentos sociais do campo e da cidade em diferentes proporções, e a escola necessita ser espaço de extensão desses saberes da luta, destas vivências e destas práticas pedagógicas. E mais, a prática docente para este autor têm avançado no Brasil, porque estas práticas têm buscado transgredir ao que está posto, os professores têm buscado fugir das normas propostas pelos programas governamentais e procuram traçar suas próprias experiências docentes no campo e na cidade. A luta política, das greves de professores, as militâncias, a formação continuada têm trazido alguns avanços a educação brasileira hoje, a exemplo das concepções políticas de estudantes que realizaram as ocupações no Brasil a fora com um show de novas ideias e concepções de mundo. Outras pedagogias vêm surgindo reafirmando suas reexistências.

Ainda, podemos dialogar com Pessoa (1998), que é estudioso de questões ligadas à educação e as ruralidades em Goiás, e aponta questões que nos auxiliam a compreender como a educação por meio da luta pode redefinir visões de mundo. Além de contribuir para o entendimento de correntes filosóficas, políticas bem como ser instrumento de luta contra atores hegemônicos fortalecendo reivindicações e posicionamentos diante das contestações presentes nos conflitos sociais do campo. Pessoa (1998) compreende como a educação para as populações camponesas foi desfavorável historicamente no Brasil, assim como Arroyo (2014) também afirmou que as teorias pedagógicas ignoraram os excluídos.

Pessoa (1998) mostra como a escola é “controle econômico, social e político da nova ordem” e valoriza apenas os saberes da “casa de saberes,” no caso a escola, despreza os saberes “em casa”, e os saberes “sem casa”, que estão presentes na luta, nos enfrentamentos, no trabalho, no cotidiano. Estes são pouco apropriados pelo ensino formal. Pessoa ressalta como os saberes não escolares podem propiciar a consciência de classe que se fortalece com os elementos políticos, coletivos e de transformação social progressivamente, como descreve entre os assentados em Goiás.

Será que estas práticas têm sido valorizadas na educação do campo em Goiás ou têm predominado as velhas narrativas da história oficial que oculta a história do protagonismo dos camponeses (as)? Quais são as questões apresentadas pelos coletivos populares do campo,



suas preocupações, temas geradores, o que eles interrogam? Como os sujeitos da escola do campo têm reagido às pedagogias que lhe são propostas? Voltamos a este ponto central trazido pelos autores em análise para pensar a educação do campo e vincular os pressupostos teóricos a práticas docentes cotidianas antenadas aos sujeitos que perpassam o chão da escola.

## Referências Bibliográficas

- ARRAIS, Tadeu Alencar. *O grand tour da educação goiana: capitalização pública do sistema privado via organizações sociais*. **Cadernos territoriais**. Vol. 06. Nº08. Jan-Dez, 2016.
- ARROYO, Miguel. *Ofício de Mestre. Imagens e autoimagens*. 15ª edição. RJ: Vozes, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Trabalho e educação: diversidade e lutas sociais no campo*. **Revista trabalho e educação**. Belo Horizonte, Vol 21. Nº3. Set/dez.2012. p. 81-93.
- ARROYO, Miguel. *Outros sujeitos, outras pedagogias*. RJ: Vozes, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Currículo, território em disputa*. RJ: Vozes, 2013.
- BARREIRO, Júlio. *Educação popular e conscientização*. Porto Alegre: Sulina, 2000.
- BEISEGEL, Celso de Rui. *Política e educação popular. A teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil*. Brasília: Liber Livro, 2008.
- BRANDÃO. Carlos Rodrigues. *Os caminhos cruzados-formas de pensar e realizar a educação popular na América Latina*. (Texto não publicado)
- \_\_\_\_\_. *Educação pública, educação alternativa, educação popular e educação do campo. Caminhos e convergências. Desvios e divergências*. (Texto não publicado)
- \_\_\_\_\_. (et al orgs.) *Paulo Freire: educação e transformação social*. Recife: UFPE, 2002.
- CASTILHO, Denis. *Os estudantes lutam, apesar de nós, professores*. In: Territorial Caderno Eletrônico de Textos. Vol. 6. Nº 8. Novembro, 2016.
- FÀVERO, Osmar; FREITAS, Marinaide. *A educação de adultos e jovens e adultos: um olhar sobre o passado e o presente*. Revista da Faculdade de Educação; Inter Ação. P. 365-392. Vol, 36. N. 2. Jul/dez. 2011.
- FELDMANN, Marina Graziela; PEREIRA, Ana Lúcia Nunes. *Educação popular na contemporaneidade: outras possibilidades*. Revista educação popular. Uberlândia. Vol. 14. Nº 2. P. 10-20. Jul/dez, 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 59ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. *Educação e mudança*. SP: Paz e terra, 2014.

\_\_\_\_\_. *Educação como prática de liberdade*. SP: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. *Medo e Ousadia. O Cotidiano do Professor*. Tradução de Adriana Lopez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

PESSOA, Jadir de Moraes. (org.) *Educação e ruralidades*. Goiânia: UFG, 2007.

\_\_\_\_\_. *Aprender e ensinar no cotidiano de assentados rurais em Goiás*. **Revista Brasileira de Educação**. N° 10. Jan/fev. 1999.

MORAES, Robson de Sousa. *Nas trincheiras da ocupação: uma síntese possível entre neoliberalismo, políticas educacionais e organizações sociais*. **Cadernos territoriais**. Vol. 06. N°08. Jan-Dez, 2016.

RISSO, Suzana A. *Alfabetização de adultos nos anos 60: movimento de educação popular e o método Paulo Freire*. (texto não publicado)

RODRIGUES, Maria Emília de Castro. *Enraizamento de esperança: as bases teóricas do Movimento de Educação de Base em Goiás*. Tese de doutorado: FE, 2008.